

# Garota, mulher, outras

Bernardine Evaristo



COMPANHIA DAS LETRAS

SLIP

Yazz

nasceu há dezenove anos numa piscina de parto na sala de estar de Amma iluminada por velas

cercada de incenso, som de ondas quebrando, uma doula e parteira, Shirley e Roland — um grande amigo, que concordou em gerar Yazz quando a morte dos pais dela desencadeou um anseio devorador sem precedentes

para a sorte dela, Roland, que estava com seu parceiro Kenny fazia cinco anos, também vinha pensando em ser pai

ele buscava Yazz em fins de semana alternados, como tinham combinado, uma coisa de que Amma se arrependeu ao perceber que sentia falta de seu bebê em vez de sentir uma liberdade vertiginosa de sexta a domingo à noite

Yazz era o milagre que ela nunca pensou que queria, e ter uma filha de fato a tornou completa, uma coisa que ela raramente confessava porque de certa forma parecia antifeminista

Yazz ia ser seu experimento na contracultura

a amamentava onde quer que estivesse e não ligava para quem se ofendia com uma mãe que precisava alimentar seu bebê

a levava para todo lado, amarrada num *sling* às suas costas ou na frente do corpo, a deixava no canto da sala de ensaio ou na mesa quando havia reuniões

a levava nas turnês nos trens e aviões num berço de viagem que mais parecia uma bolsa enorme, uma vez quase a mandou pelo escâner do aeroporto, implorando para não ser presa por isso

criou sete postos de madrinha e dois de padrinho

para garantir que haveria um suprimento de babás para quando a filha não fosse mais tão submissa ou portátil

Yazz estava autorizada a vestir exatamente o que quisesse contanto que não colocasse em perigo a si própria nem a sua saúde

Amma queria que ela tivesse a chance de se expressar antes que tentassem esmagar o espírito livre da filha na padronização opressiva do sistema educacional

ela tem uma foto de Yazz andando pela rua usando um peitoral de plástico do exército romano por cima de um tutu laranja, asas brancas de fada, shortinho amarelo por cima de uma legging com listas brancas e vermelhas, um sapato diferente em cada pé (uma sandália e uma botinha), batom borrado na boca, bochechas e testa (uma fase), várias mechas de cabelo amarradas com pequenas bonecas presas nas pontas

Amma ignorava os olhares de pena ou o julgamento de passantes e de mães de mente fechada no parquinho ou na creche

Yazz nunca foi repreendida por dizer o que pensava, embora fosse repreendida pelos palavrões porque precisava desenvolver o vocabulário

(Yazz, diga que acha a Marissa não muito agradável ou um pouco antipática em vez de descrevê-la como cara de cu cagado)

e, embora nem sempre conseguisse o que queria, se defendesse um ponto de vista com força suficiente ela tinha uma chance

Amma queria que a filha fosse livre, feminista e poderosa  
mais tarde a levou a cursos de desenvolvimento pessoal para crianças para que tivesse a confiança e a desenvoltura necessárias para florescer em qualquer ambiente

grande erro

mãe, Yazz disse aos catorze anos quando tentava ir ao Reading Music Festival com os amigos, será em detrimento do meu desenvolvimento juvenil você cercear minhas atividades neste estágio crítico da minha jornada rumo a me tornar uma livre pen-

sadora e uma adulta plenamente capaz de se autoexpressar como você espera que eu seja, quer dizer, você realmente deseja que eu me rebele contra as suas regras antiquadas fugindo da segurança de casa para viver nas ruas e tenha que recorrer à prostituição para sobreviver e por conseguinte sucumba ao vício em drogas, crime, anorexia e relações abusivas com canalhas exploradores com o dobro da minha idade antes do meu falecimento prematuro em uma boca de fumo?

Amma passou o fim de semana preocupada porque a menininha dela estava longe

homens adultos lançavam olhares para a sua filha desde antes da puberdade

há um número muito maior de pedófilos aí fora do que as pessoas se dão conta

um ano depois Yazz a chamou de feminazi quando estava a caminho de uma festa e Amma ousou sugerir que abaixasse o comprimento da saia, diminuísse o tamanho do salto e erguesse a gola da blusa para que pelo menos trinta por cento de sua massa corporal ficasse coberta, em vez daqueles vinte por cento calculados numa estimativa pudica

para não mencionar *O Namorado*, visto de relance quando a trouxe de carro

assim que Yazz surgiu na porta, Amma estava esperando na entrada para fazer o tipo de pergunta inofensiva que qualquer pai ou mãe faria

quem é ele e o que ele faz? torcendo para Yazz dizer que ele estava no ensino médio, portanto um garoto de escola relativamente inofensivo

Yazz respondeu com insolência inexpressiva, mãe, ele é um psicopata de trinta anos que rapta mulheres vulneráveis e deixa elas presas num porão por semanas, ele trepa com elas antes de

cortar em pedacinhos e enfiar no freezer para os ensopados de inverno

antes de valsar escada acima para o quarto deixando um rastro de marofa

nem a filha que ela criou para ser feminista se define assim ultimamente

feminismo é coisa de manada, Yazz disse, para ser sincera mesmo ser mulher é ultrapassado hoje em dia, tivemos um ativista não binário na universidade chamado Morgan Malenga que me abriu os olhos, acredito que nós todos vamos ser não binários no futuro, nem homem nem mulher, que, de qualquer forma, não passam de performances de gênero, o que significa que as suas políticas para *mulheres*, mãezinha, vão se tornar redundantes e, falando nisso, eu sou humanitarista, o que está num plano muito mais avançado do que o feminismo

você ao menos sabe o que é isso?



JENNIE SCOTT

## BERNARDINE EVARISTO

é uma premiada escritora anglo-nigeriana, autora de obras de ficção, ficção em versos, ensaios, poemas, teatro e crítica literária.

É professora de escrita criativa na Universidade de Brunel, em Londres, e vice-presidente da Royal Society of Literature. *Garota, mulher, outras* é seu oitavo livro.

